ANÁLISE SETORIAL

CARNE DE BOVINO

VERSÃO: NOVEMBRO DE 2020

Disclaimer

O presente documento de trabalho em desenvolvimento tem como objetivo facilitar a elaboração do Plano Estratégico do PAC pós-2020. As fontes de informação utilizadas estão devidamente identificadas.

ÍNDICE

1. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL 3
1.1. PRODUÇÃO E OFERTA MUNDIAL 3
1.2. CONSUMO MUNDIAL 4
1.3. COMÉRCIO MUNDIAL 6
2. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO EUROPEU 6
2.1. PRINCIPAIS PRODUTORES 6
2.2. BALANÇA COMERCIAL 8
3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EM PORTUGAL 9
3.1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA ATIVIDADE 9
3.2. ESTRUTURA PRODUÇÃO 11
3.2.1. Área/Efetivo 11
3.2.2. Produção 12
3.2.3. Explorações 13
3.3. RENDIMENTO DA ATIVIDADE E CUSTOS DE PRODUÇÃO 16
3.4. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO 18
3.5. MERCADO 18
3.5.1. CONSUMO 18
3.5.2. BALANÇA COMERCIAL E COMÉRCIO INTERNACIONAL 20
3.6. DESEMPENHO AMBIENTAL 23
4. INSTRUMENTOS DE APOIO 24
4.1. PRIMEIRO PILAR DA PAC 24
4.1.1. MEDIDAS DE MERCADO 24
4.1.2. AJUDAS DIRETAS 25
5. ANÁLISE SWOT 26
5.1. Análise interna – Pontos fortes 26
5.2. Análise interna – Pontos fracos 27
5.3. Análise externa – Oportunidades 27
5.4. Análise externa – Ameaças 28

1. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL

TENDÊNCIA CRESCENTE NA PRODUÇÃO MUNDIAL

A produção mundial de carne de bovino tem crescido desde 2015, e em 2019 é esperado que mais uma vez atinja um patamar recorde, situando-se em 63,62 milhões de toneladas. Houve uma necessidade de reestruturar as explorações, que levou a um aumento dos abates e um consequente aumento dos níveis de oferta, repercutindo-se no preço em alguns países. Assiste-se agora a um reequilíbrio e tendência de recuperação dos mercados.

Ao nível de preços, e tendo em consideração os principais produtores mundiais, a UE encontra-se com o segundo preço mais elevado, sendo que apenas o Uruguai consegue ter uma melhor performance. Seguem-se depois os EUA, AUS, NZ, ARG e BRA.

1.1. PRODUÇÃO E OFERTA MUNDIAL

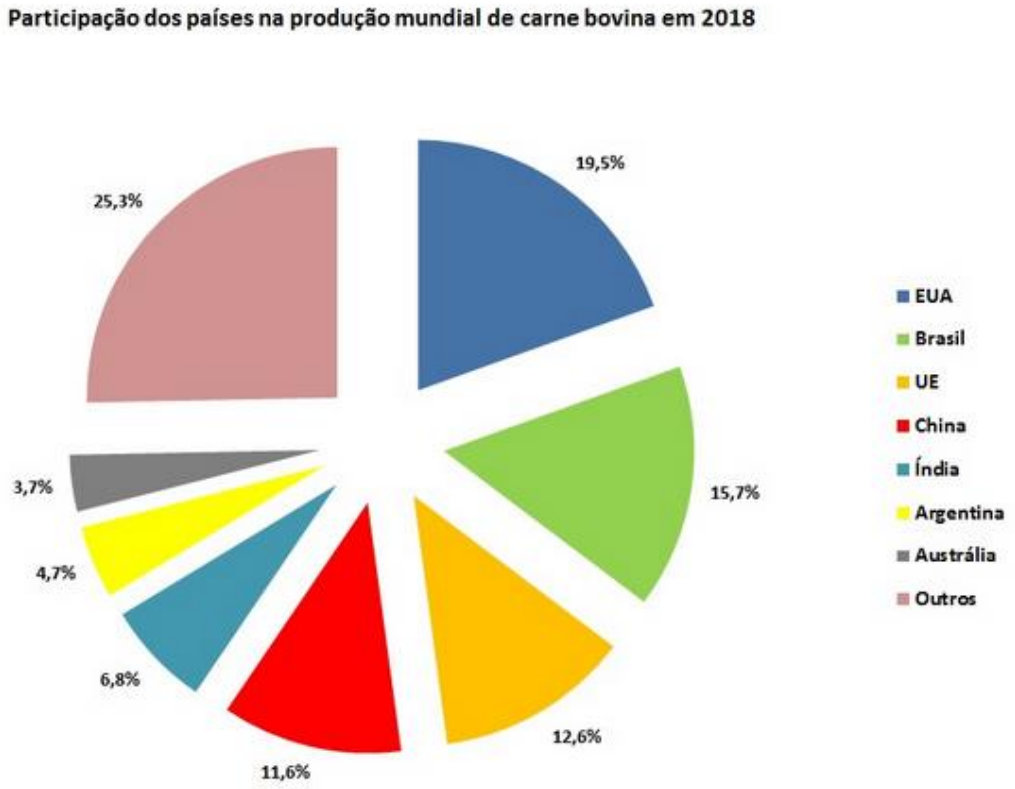
ESTADOS UNIDOS SÃO O PRINCIPAL PRODUTOR MUNDIAL DE CARNE DE BOVINO

Os Estados Unidos são o principal produtor mundial de carne de bovino, com 12,28 milhões de toneladas em 2018, seguido do Brasil (9,9 milhões de toneladas) e a UE (7,93 milhões de toneladas). China tem vindo a aproximar-se das produções UE, uma vez que nos últimos anos tem aumentado a sua produção, enquanto a UE tem mantido os níveis de abate muito estáveis. Índia, Argentina e Austrália ainda estão longe de alcançar os patamares produtivos destes quatro países/regiões.

Destaque para o crescimento da produção nos EUA no período 2014-2018, que se situou nos 10,9%. Para além de maior produtor mundial, foi o país que mais cresceu na produção de carne de bovino. A China cresceu 6,2% no mesmo período, enquanto o Brasil teve um crescimento menos expressivo de 1,9%. É expectável que o Brasil continue a crescer e que em 2019 supere pela primeira vez na história a marca de 10,0 milhões de toneladas. A UE, como referimos anteriormente, tem mantido os níveis de produção estáveis na última década, não havendo grandes oscilações.

A Austrália é o único país dos considerados grandes produtores de carne de bovino, que tem vindo a diminuir a sua produção nos últimos anos. No período 2014-2018 teve uma queda de 11,2% no acumulado dos anos, fruto de quedas anuais constantes, encontrando-se numa tendência de quebra da produção, que é confirmada pela estimativa de diminuição da produção também em 2019.

A Figura infra ilustra a participação dos principais países produtores de carne de bovino no ano de 2018, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA).



Fonte: USDA (United States Department of Agriculture)

1.2. CONSUMO MUNDIAL

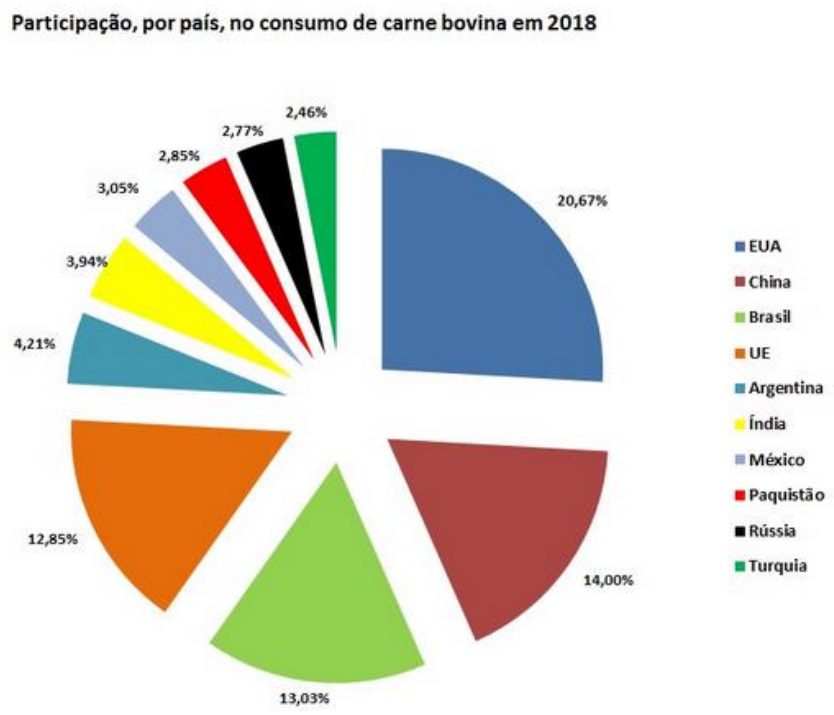
EUA MAIOR CONSUMIDOR DE CARNE DE BOVINO E O URUGUAI O MAIOR CONSUMIDOR *PER CAPITA*

O consumo mundial estimado em 2018 foi de 60,9 milhões de toneladas. Os EUA são os maiores consumidores de carne de bovino, com uma previsão de consumo de 12,59 milhões de toneladas em 2018 ou seja, cerca de 20% de todo consumo mundial de proteína.

A China, apesar de apresentar um consumo *per capita* ainda modesto (12,2 kg por habitante ao ano – 47º lugar no ranking), é o segundo maior consumidor mundial de carne de bovino em termos absolutos, que devido ao seu elevado agregado populacional, consumiu 8,53 milhões de toneladas em 2018 – 14% do total mundial.

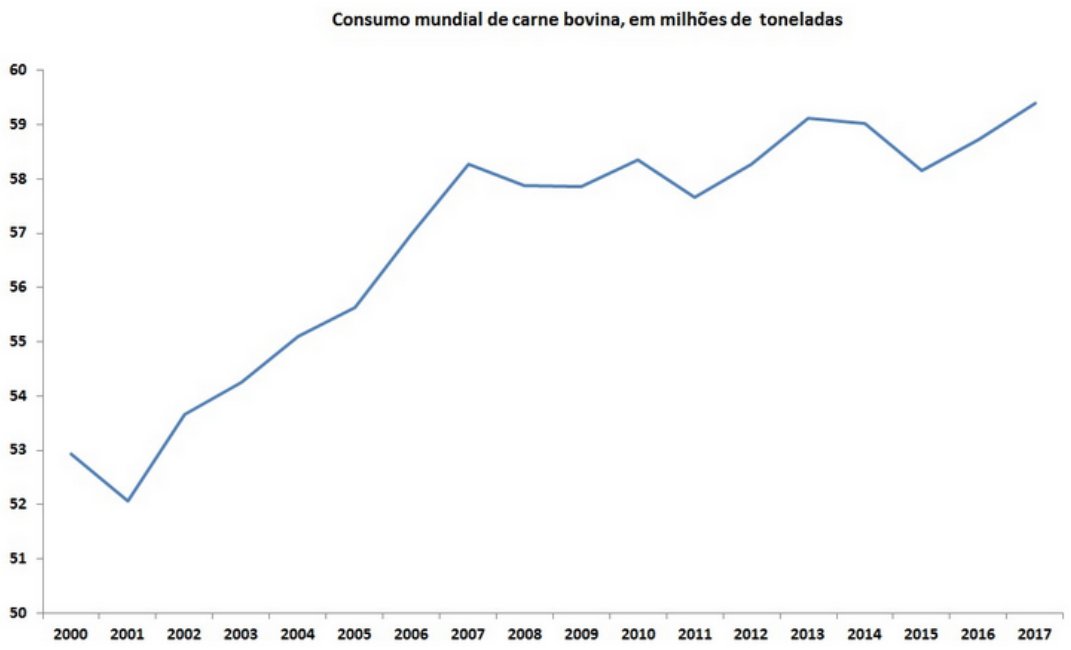
O Brasil completa a lista dos três maiores consumidores mundiais de carne de bovino, com 7,93 milhões de toneladas em 2018. A participação do país no consumo mundial desta carne é de 13%.

Em baixo podemos ver um gráfico que ilustra a repartição do consumo mundial de carne bovina dos dez principais países em 2018.



Fonte: USDA (United States Department of Agriculture)

Em termos de histórico de consumo, entre o ano 2000 e 2018 assistiu-se a um aumento no consumo mundial de carne de bovino de cerca de 8 milhões de toneladas, o que representa um aumento a rondar os 15% no período.



Fonte: USDA (United States Department of Agriculture)

Estes dados equivalem a um consumo médio de carne bovina *per capita* de 7,90 kg por habitante ao ano. O país no mundo com maior consumo de carne bovina *per capita* é o Uruguai, seguindo-se a Argentina e Hong Kong. Estes três países apresentam um consumo *per capita* de carne bovina superior a 50 kg por habitante

ao ano. Os Estados Unidos são o quarto país desta lista, com o Brasil muito perto dos níveis de consumo americanos.

É importante constatar que o consumo mundial de carne bovina de 7,90 kg por habitante ao ano está muito longe dos consumos *per capita* dos principais países consumidores, o que pode significar um potencial de crescimento da procura. Há de facto uma tendência de aumento de consumo de carne de bovino no mundo, o que são dados positivos para o setor, que pode indicar uma margem de progressão e deve ser visto como uma oportunidade.

1.3. COMÉRCIO MUNDIAL

AUSTRÁLIA MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL DE CARNE DE BOVINO; UE OCUPA O 9º LUGAR

Os maiores exportadores mundiais de carne bovina são os australianos com mais de 1.200 mil toneladas, seguido pelos EUA e Brasil. Com quase metade destes números, aparece depois a India, seguindo-se Nova-Zelândia, Canadá, Argentina e Uruguai. A UE aparece apenas em nono lugar desta lista, com apenas 300 mil toneladas, aproximadamente.

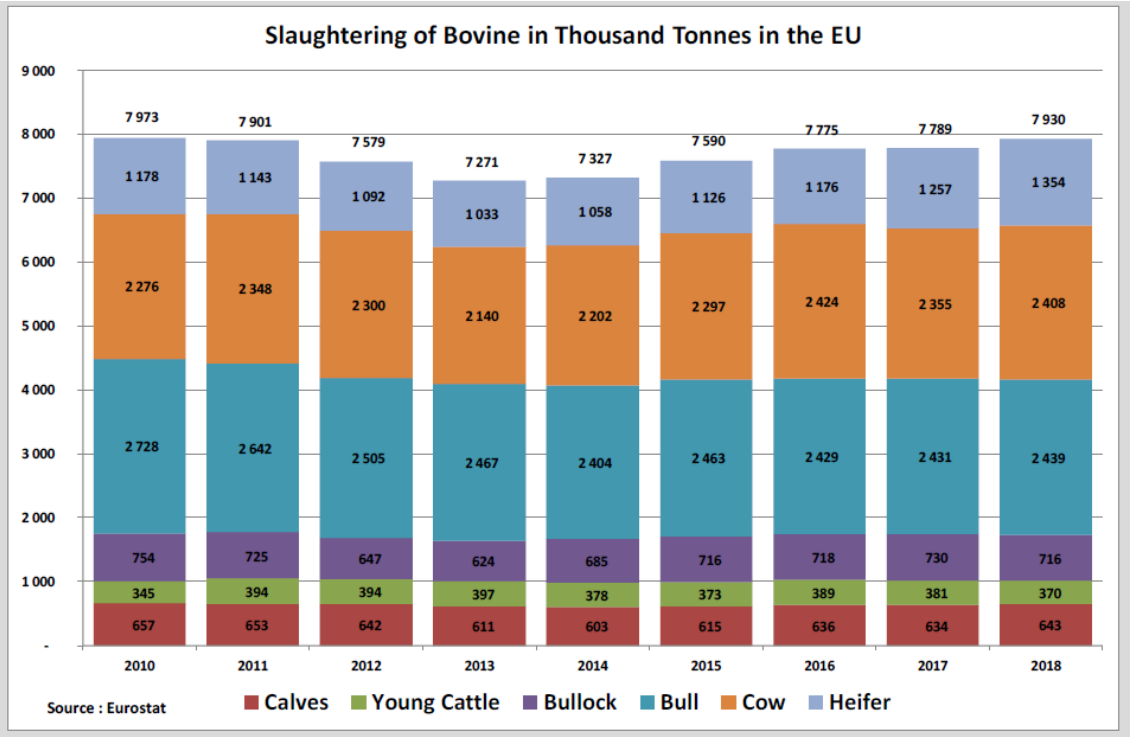
Relativamente aos grandes importadores, China e Hong-Kong destacam-se largamente como maior "comprador" de carne de bovino, seguindo-se os EUA, Japão, Coreia do Sul, Rússia, Chile, UE, Indonésia e Canadá.

Quanto a preços, Brasil e Argentina têm atualmente os preços mais competitivos e muito semelhantes entre si. Esta é uma situação que não é nova para o Brasil, mas que não acontecia na Argentina até 2017. A queda da moeda argentina no mercado monetário mundial, não deve ser alheia a este facto, que tem sofrido sucessivas desvalorizações desde meados de 2017. Em sentido contrário, Nova Zelândia e Austrália têm visto o seu produto valorizar-se nos últimos anos, aproximando-se dos valores dos EUA e UE. Se os EUA têm sofrido oscilações significativas, a UE tem-se mantido relativamente estável com uma ligeira tendência de desvalorização ao longo dos anos. Destaque para a valorização da carne de bovino no Uruguai, que no último semestre tem tido um bom desempenho, sendo atualmente a mais cara.

2. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO EUROPEU

2.1. PRINCIPAIS PRODUTORES

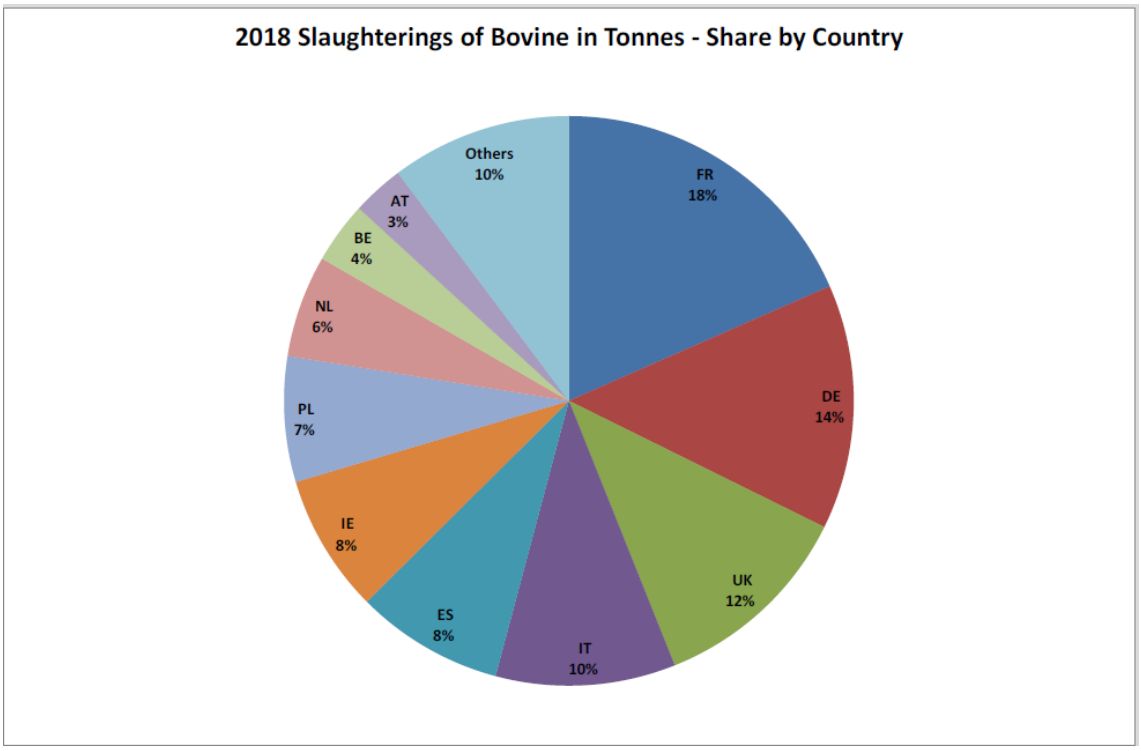
Desde 2010, a produção de carne bovina na UE tem sofrido algumas oscilações, mas pouco significativas anualmente. O período 2010 a 2018, começou com uma redução anual até 2013, altura em que a produção voltou a uma trajetória ascendente, chegando em 2018 com valores muito idênticos aos registados em 2010: 7.930 mil toneladas *vs* 7.973 mil toneladas.



Fonte: DGAGRI

França é o EM com maior produção com 18%, seguindo-se a Alemanha com 14%, o Reino Unido com 12% e a Itália com 10%.

Relativamente a categorias, destacam-se as vacas e os touros.

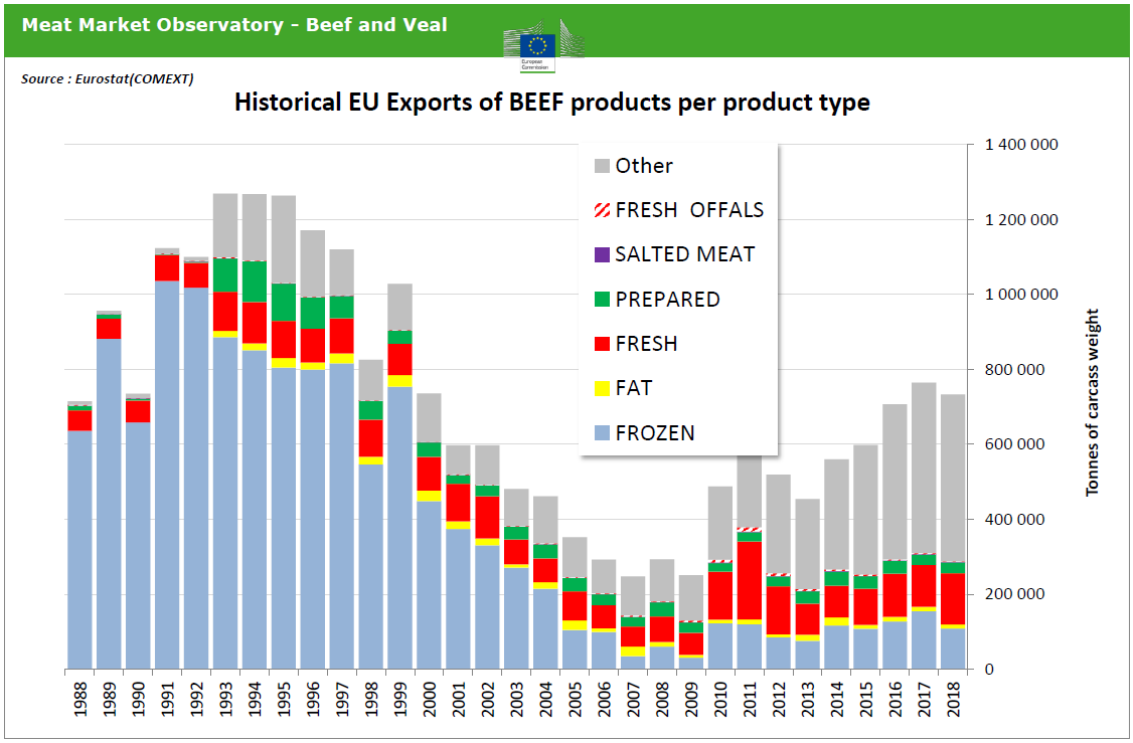


Fonte: Eurostat

Em média, nos últimos 9 anos, produziram-se na UE, cerca de 7.682 mil toneladas de carne bovina tendo em conta os abates efetuados.

2.2. BALANÇA COMERCIAL

Depois de anos de grande exportação UE, no período de 1991 a 1997, verificou-se uma queda significativa no volume de exportação de carne bovina. 2007 e 2009 foram os anos mais fracos, tendo-se a partir daí, assistido a uma retoma consistente, embora com algumas oscilações.



Esta diminuição da exportação de carne de bovino, regista-se principalmente na carne congelada e não na carne fresca.

Já em valor, as exportações tiveram um crescimento significativo desde o ano 2000. Neste ano a UE exportou cerca de 957 M€, com descida deste montante nos anos seguintes, sendo que em 2009 houve uma mudança na tendência, iniciando-se um período de recuperação que supera os 2000 M€ desde 2016. Apesar do volume em 2000 não diferir muito do de 2018, o valor quase que duplicou.

Evolução Balança comercial

	EXPORTAÇÃO ton	IMPORTAÇÃO ton	Balanço ton	EXPORTAÇÃO 1000€	IMPORTAÇÃO 1000€	Balanço 1000€
2000	735 745	429 435	306 310	957 348	1 308 196	-350 848
2001	597 520	398 246	199 274	724 453	1 065 111	-340 658
2002	597 582	490 841	106 741	726 253	1 245 841	-519 588
2003	480 754	512 703	-31 949	528 298	1 242 210	-713 912
2004	461 071	560 058	-98 987	620 005	1 436 540	-816 535
2005	351 915	564 673	-212 758	578 493	1 494 773	-916 280
2006	292 408	513 203	-220 795	558 656	1 717 656	-1 159 000
2007	247 793	556 131	-308 338	540 887	1 887 042	-1 346 155
2008	293 063	395 065	-102 002	654 414	1 658 633	-1 004 219
2009	250 479	433 040	-182 561	617 215	1 542 098	-924 883
2010	487 325	379 148	108 177	1 251 802	1 623 621	-371 819
2011	636 698	323 689	313 009	1 948 274	1 762 109	186 165
2012	519 505	307 707	211 798	1 699 990	1 747 752	-47 762
2013	454 294	334 630	119 664	1 295 249	1 756 616	-461 367
2014	560 014	332 362	227 652	1 502 250	1 866 829	-364 579
2015	598 715	323 099	275 616	1 894 603	2 062 672	-168 069
2016	706 705	333 952	372 753	2 219 572	1 995 657	223 915
2017	764 236	306 105	458 131	2 510 082	1 870 961	639 121
2018	733 332	341 053	392 279	2 474 116	1 883 072	591 044

Dados EUROSTAT

Nos últimos anos tem-se assistido a uma balança comercial positiva, devido sobretudo aos animais vivos, que devido à sua valorização contribuem para este resultado. Quando tiramos os animais vivos da equação, a balança comercial é claramente negativa.

De facto tem-se assistido nos últimos 20 anos a uma redução na importação de animais vivos, e em sentido contrário um crescimento na exportação destes animais. Dado o seu valor, esta é uma componente importante das exportações europeias.

A crise da BSE terá tido impacto nas exportações nos primeiros anos de 2000, que se reflete bem na balança comercial nesse período. Foram anos em que pairou uma desconfiança nos consumidores relativamente à segurança alimentar no consumo destes produtos e que demorou alguns anos a ser contrariada.

3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EM PORTUGAL

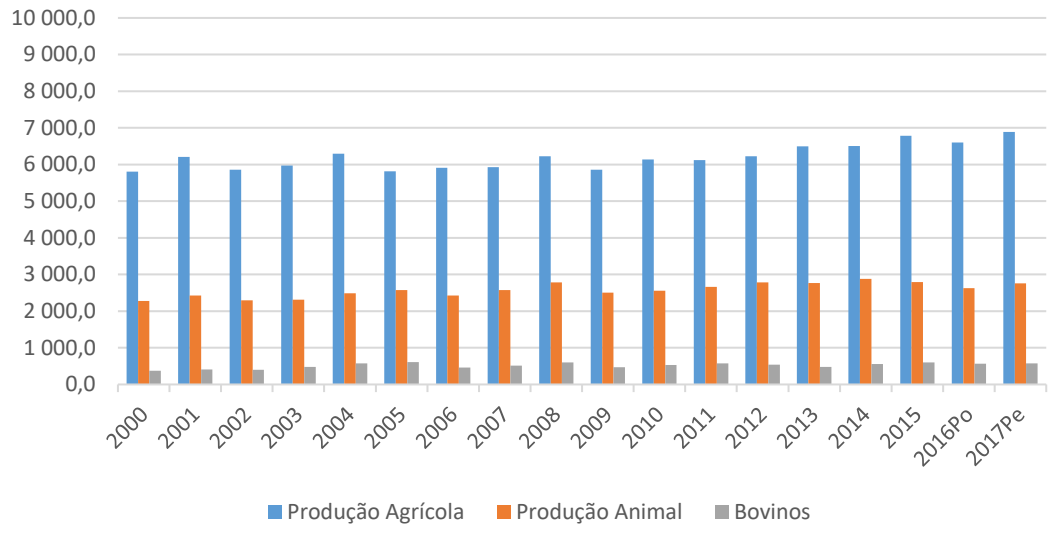
A produção de carne de bovino em Portugal tem sofrido algumas oscilações no decorrer dos anos. É um setor com expressão em Portugal, principalmente no Norte, Alentejo e Açores.

Desde o ano 2000 e após um período ensombrado pela BSE, as explorações tiveram de ser reestruturadas e adaptar-se ao mercado. Foi fundamental assegurar a qualidade do produto, e reconquistar o consumidor. Desde 2013 que as produções têm vindo a aumentar, embora o setor se tenha deparado nos últimos anos com períodos de seca que têm afetado o rendimento dos produtores.

3.1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA ATIVIDADE

O subsetor da produção de carne de bovino em Portugal representou 21% do valor da produção animal em 2017, com um valor de 574 M€, o que constituiu cerca de 8% do total nacional de produção agrícola nesse ano.

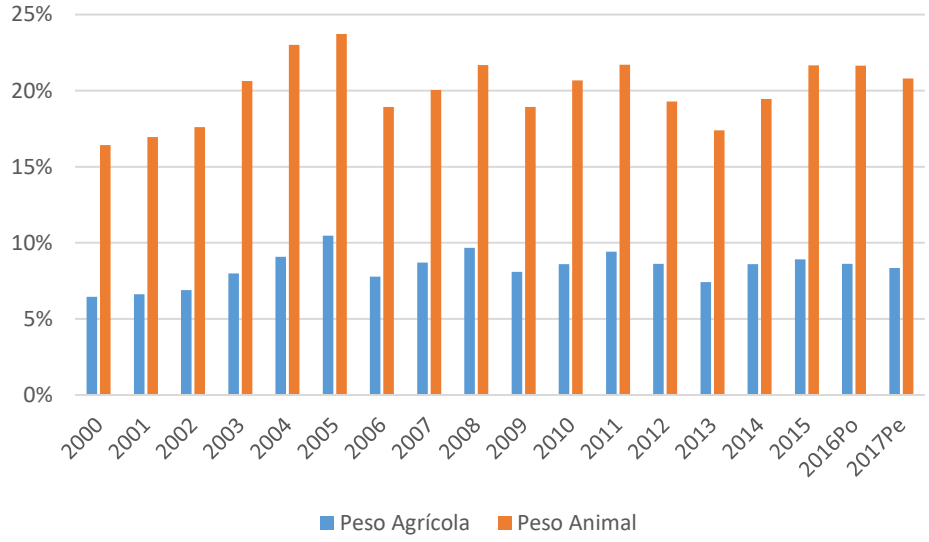
Importância Económica M€



Fonte: INE

Ao longo dos anos o peso do setor bovino na produção agrícola tem-se mantido estável, depois de uma subida no início dos anos 2000. No período 2000-2017, em média, este setor representou 8% da economia agrícola e 20% da riqueza gerada pelo ramo animal.

Peso Económico %



Fonte: EA/ INE

Verificamos que 2005 foi o ano onde o peso da bovinicultura atingiu a percentagem mais elevada na economia agrícola do país, tendo-se mantido estável nos últimos anos entre os 8 e 9%.

Relativamente ao peso económico no total da produção animal, verificamos que se tem situado perto dos 20%. Com maior peso neste ramo, apenas o leite, sendo que as aves e suínos estão ligeiramente abaixo.

De referir que, a nível nacional, a representatividade da produção animal face à vegetal é de 40% versus 60%, respetivamente. Estes dados têm sido constantes desde o ano 2000, não existindo alterações significativas.

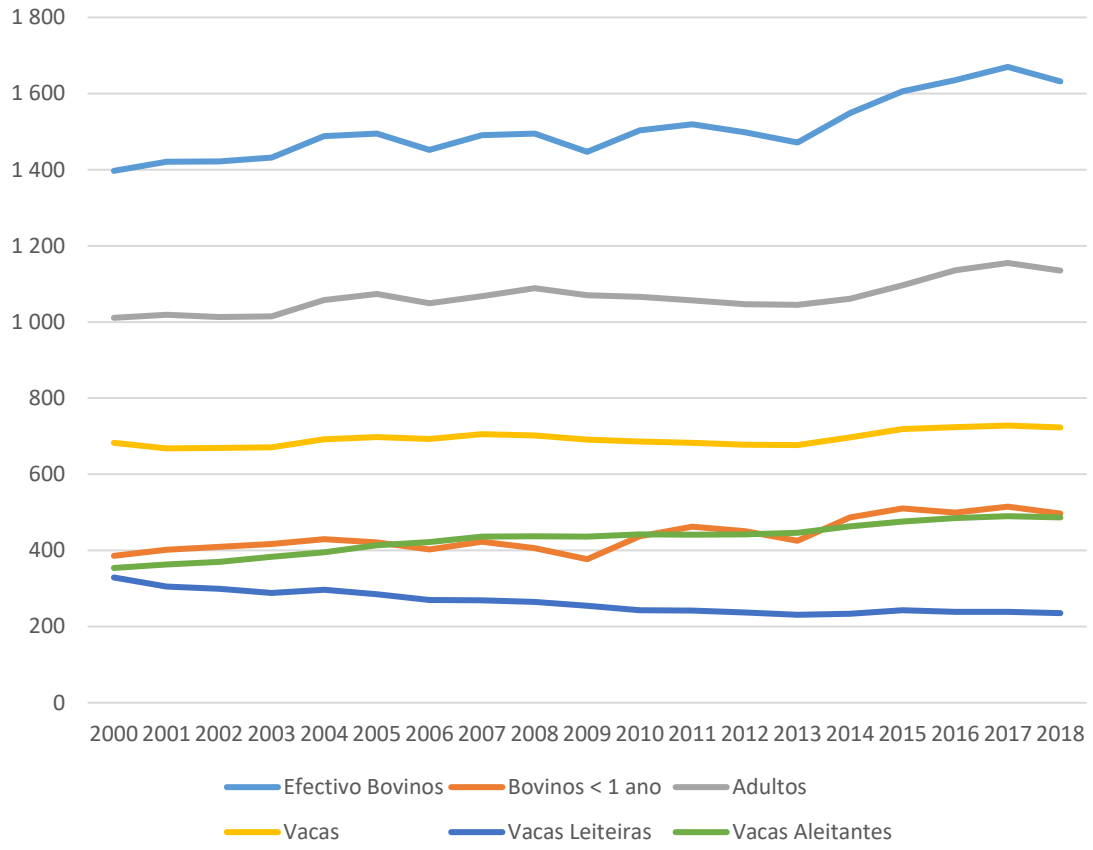
3.2. ESTRUTURA PRODUÇÃO

3.2.1. Área/Efetivo

Praticamente metade do efetivo bovino encontra-se no Alentejo, segundo dados de 2018. A região Norte alberga 18%, enquanto os Açores 17%.

Tendo como referência o período 2000 a 2018, verificamos que o efetivo manteve-se relativamente estável até 2014, ano a partir do qual houve um aumento gradual anual.

Efetivo Bovino (milhares)



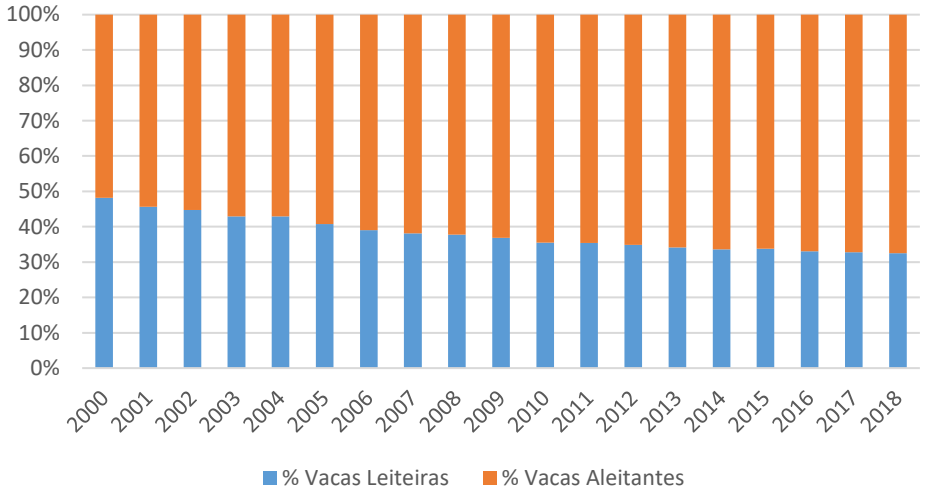
Fonte: DSE/INE

O gráfico anterior demonstra que o número de vacas manteve-se relativamente estável de 2000 a 2013, com um ligeiro aumento a partir desse ano. Já o tipo de vacas alterou-se radicalmente. Se compararmos a trajetória da linha das vacas leiteiras (azul) e aleitantes (verde), verificamos que têm comportamentos totalmente distintos. Em 2000, o número de vacas leiteiras e aleitantes era muito semelhante, mas enquanto o efetivo de vacas leiteiras diminui no decorrer do período, o efetivo de vacas aleitantes aumenta. As duas linhas, apesar de partirem praticamente do mesmo ponto em 2000, vão-se afastando até 2018. Este fenómeno explica-se com a reestruturação do setor leiteiro a nível nacional.

Em 2018 o efetivo total de bovinos em Portugal era de 1.632.000 animais.

O efetivo de vacas aleitantes representa em 2018 cerca de 30% do total nacional de bovinos, com 487.000 animais, de acordo com dados do INE. Em 2000 esta percentagem era de 25%. As vacas leiteiras representavam 24% em 2000 comparando com 14% em 2018. Esta queda é evidenciada quando comparamos a percentagem de cada uma destas categorias no efetivo de vacas nacional.

Variação Vacas Leiteiras *vs* Vacas Aleitantes

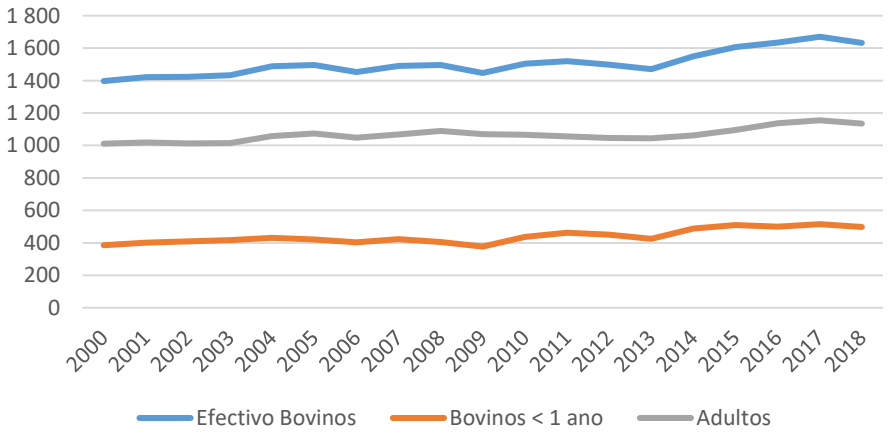


Fonte: DSE/INE

Em 2000, cerca de metade das vacas em Portugal eram leiteiras, sendo as restantes aleitantes. Em 2018, apenas 33% das vacas existentes em Portugal tinham aptidão leiteira, contra 67% para produção de carne.

Quanto à relação entre bovinos adultos e vitelos, a mesma tem-se mantido estável entre 2000 e 2018, tendo comportamentos muito semelhantes, com uma tendência de aumento do número de animais a partir de 2014, como é visível no gráfico que se segue.

Adultos *vs* Vitelos



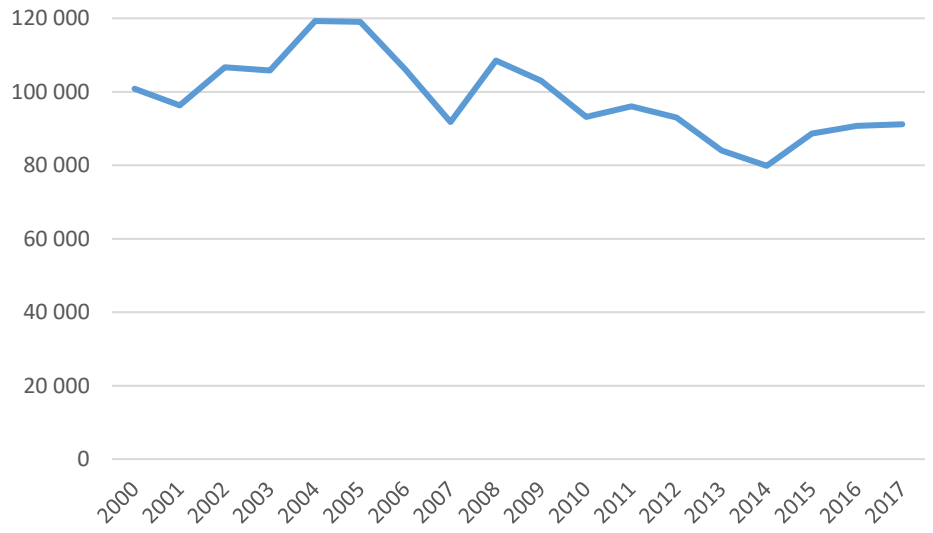
Fonte: DSE/INE

3.2.2. Produção

A produção nacional tem tido oscilações nos últimos 18 anos, com aumentos e diminuição da produção consoante os anos agrícolas. As secas e consequente falta de alimentação para os animais justificam as

quebras de produção em determinados anos. Não obstante o referido, constata-se que a partir de 2009, não mais atingimos produções acima das 100.000 toneladas.

Carne Bovino Total



Fonte: DSE/INE

As crises sanitárias (BSE), no final dos anos 1990 e início de 2000, conduziram a uma quebra significativa no consumo e a uma redução da oferta devido às medidas tomadas para regular o mercado, nomeadamente abate precoce de vitelos e mais tarde abate de animais com mais de trinta meses. A produção não voltou a atingir os níveis verificados anteriormente.

As sucessivas reformas da PAC vêm desde o ano 2000 incentivando fortemente este subsetor da produção bovina. Ainda assim, em 2005 parece ter sido o primeiro sinal de inversão, tendo havido uma recuperação em 2007 mas que já não teve a força suficiente para regressar aos valores pré 2005.

O valor total de produção em 2017 situou-se em 91,2 mil toneladas, o que significou estabilidade relativamente aos anos de 2015 e 2016. O maior contributo para a produção é o abate de novilhos, seguido de vitelos.

A produção dos últimos anos, quando comparadas com 2005, são 23% mais baixas, o que reflete a reestruturação do setor e a adaptação à procura dos mercados.

3.2.3. Explorações

No que respeita à caracterização do setor, a atividade assenta fundamentalmente em duas fases distintas, que em Portugal ocorrem maioritariamente em explorações especializadas em cada uma dessas finalidades, ainda que complementares:

- Explorações de produção de vitelos: constituídas por vacas reprodutoras (aleitantes ou leiteiras) e respetivo efetivo de substituição, e vitelos em desmame;

- Explorações de recria e engorda: constituídas por novilhos e novilhas não reprodutores, destinados a recria e acabamento até ao envio para abate.

A produção de vitelos é efetuada nos dois tipos de explorações atrás referidas. Por um lado, as de produção leiteira, nas quais os vitelos não são o produto principal, mas representam uma parte do rendimento global da exploração, e por outro, as explorações que têm como finalidade principal a produção de vitelos, geralmente designadas por explorações de vacas aleitantes.

Evolução do nº explorações por classe de efetivo

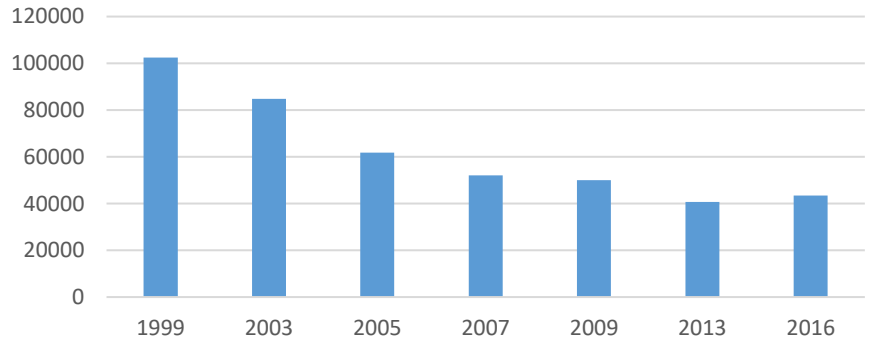
Rubrica	Unidade	1999	2003	2005	2007	2009	2013	2016
Bovinos com menos de 1 ano (Vitelos)	Nº de Explor.	65 823	56 527	44 582	38 163	35 592	31 232	33 832
Adultos	Nº de Explor.	88 661	73 501	53 657	46 036	44 269	36 388	38 402
Bovinos de 1 ano a menos de 2 anos	Nº de Explor.	34 542	30 729	24 596	24 204	23 602	20 718	22 323
Bovinos de 2 anos e mais	Nº de Explor.	78 093	64 540	46 716	39 311	37 661	31 437	33 630
Vacas	Nº de Explor.	71 560	59 390	42 801	34 257	33 350	26 338	31 749
Vacas leiteiras	Nº de Explor.	32 994	27 047	15 864	13 505	10 447	7 772	8 105
Outras vacas	Nº de Explor.	41 772	34 981	28 705	21 969	23 934	19 395	24 447
Total	Nº de Explor.	102 457	84 773	61 833	52 132	50 035	40 733	43 384

Fonte: GlobalAgrimar

Nos últimos anos tem vindo a assistir-se a um aumento do peso das explorações especializadas na produção de vitelos (aleitantes) por redução do efetivo leiteiro, devido a ganhos de eficácia produtiva do efetivo deste setor, que levaram a uma diminuição nas vacas necessárias para assegurar os níveis de produção, e consequentemente, uma diminuição do número de vitelos produzidos.

No seu conjunto, o número de explorações com gado bovino tem diminuído praticamente todos os anos.

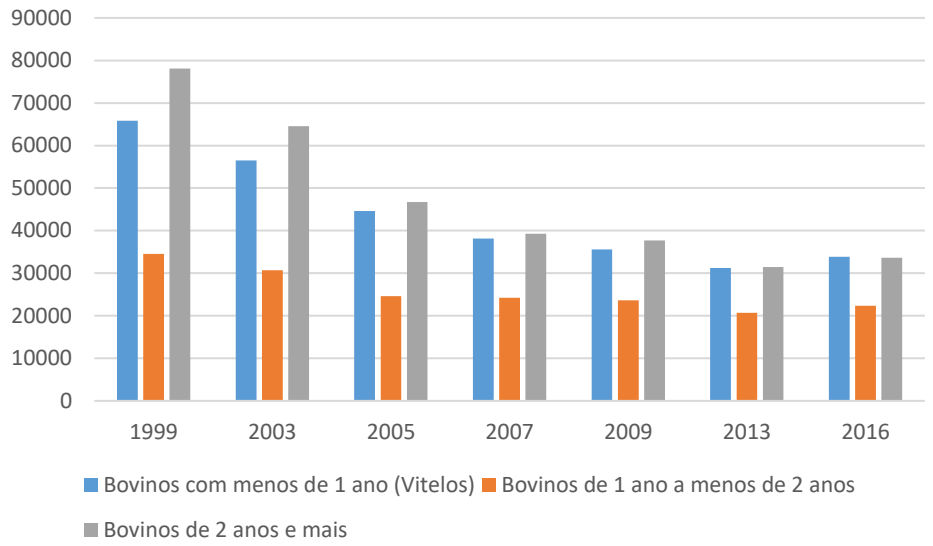
Nº Explorações Gado Bovino



Fonte: DSE/INE

No ano de 2016 existe um ligeiro aumento do número de explorações, no entanto não é significativo nem parece ser uma tendência. De facto, o setor tem sofrido restruturações, e assiste-se atualmente uma redução do número de explorações mas aumentando o efetivo em cada uma delas. Se em 2003 o número de animais por exploração se situava nos 16,9, em 2016 esse rácio passou para os 37,7 animais por exploração – mais do dobro. Existem cada vez menos explorações, mas maiores, numa lógica de eficiência de custos e competitividade no mercado.

Explorações por idade dos Bovinos



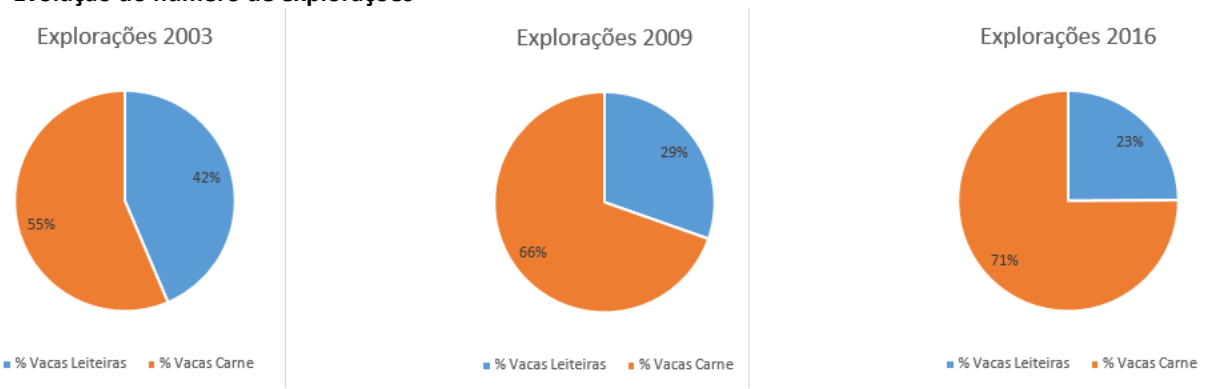
Fonte: DSE/INE

No gráfico acima é possível verificar que as explorações com animais adultos e vitelos são as que predominam e em valores próximos. Se no período 1999 a 2003, havia uma predominância de explorações com animais em idade adulta, a partir de 2007 assiste-se a uma aproximação entre o número de explorações com vitelos e animais adultos, embora ambas desçam. Esta aproximação tem a ver com a redução do efetivo leiteiro, que albergava uma parte significativa dos animais adultos.

Já a classe dos bovinos com idade compreendida entre 1 e 2 anos, aparece em menos explorações, pois grande parte desta categoria é abatida para produção de carne.

Os gráficos seguintes demonstram também a alteração do sistema de produção e o aumento da percentagem de explorações bovinas para produção de carne em detrimento das explorações leiteiras.

Evolução do número de explorações



Fonte: GlobalAgrimar

O número de explorações tem diminuído nas últimas duas décadas, mas a sua aptidão também. Se em 2003, 42% das explorações tinham vacas leiteiras, em 2016 apenas 23% tinham esta categoria de vacas.

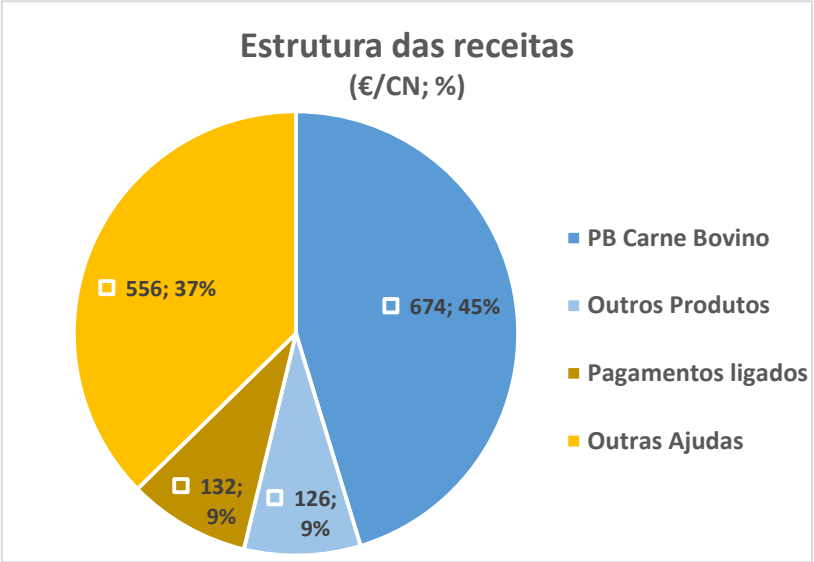
3.3. RENDIMENTO DA ATIVIDADE E CUSTOS DE PRODUÇÃO

Com o objetivo de caracterizar a estrutura de rendimento das explorações produtoras de bovinos para produção de carne, e com o intuito de não perder a essência das características do rendimento da produção, e uma vez que a unidade de análise da informação RICA é a exploração agrícola e não a atividade, optou-se por selecionar aquelas explorações onde o produto bruto da atividade Bovinos para Carne foi superior a 50% do produto bruto total da exploração obtido no mercado nos anos contabilísticos 2016, 2017 e 2018. Assim, toda a análise efetuada baseia-se nos resultados de uma amostra de 1.004 explorações (média anual de 335 explorações), representando, após extrapolação, 15 302 explorações em média por ano.

Os vários níveis de resultados, embora dizendo respeito à totalidade das atividades das explorações acima descritas (PB Bovinos de Carne > 50% PB total), são nesta análise referenciados por cabeça de vaca aleitante para uma melhor compreensão e facilidade de enquadramento de possíveis necessidades de apoio específico a esta atividade.

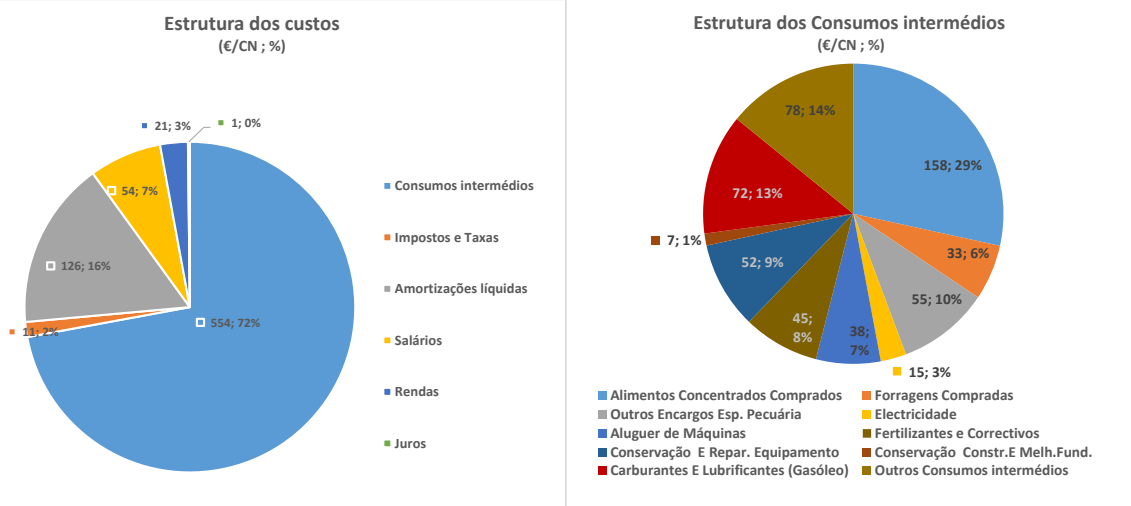
As explorações com orientação produtiva para a produção de carne obtêm cerca de 54% dos seus proveitos no mercado, seja diretamente da produção de bovinos de carne (45%), seja através de outras receitas de mercado (9%), o que demonstra que o grau de especialização é, em média, elevado. Dos restantes proveitos, 46% dizem respeito a apoios públicos, do qual uma parte significativa provém de apoios não ligados à produção (37% das receitas).

Estrutura das receitas por cabeça normal de vaca aleitante das explorações com orientação produtiva bovinos de carne (média 2016-2017-2018)



Do total dos encargos das explorações, os consumos intermédios representam uma parte muito significativa (72%). Destes, a maior fatia cabe aos alimentos concentrados comprados, representando 29%. No entanto, é igualmente relevante o peso dos outros consumos intermédios (14%) e dos carburantes e lubrificantes (gasóleo) (13%).

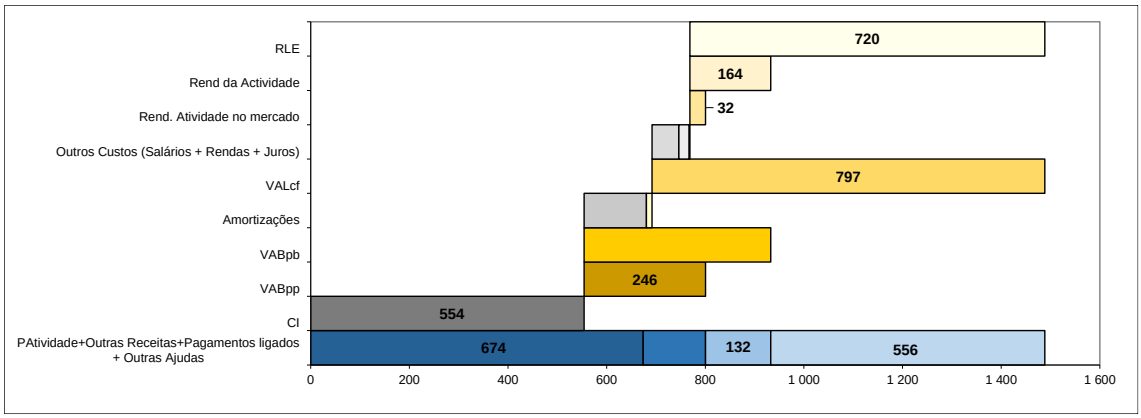
Estrutura de custos por cabeça de vaca aleitante das explorações com orientação produtiva de bovinos de carne (média 2016-2017-2018)



Pode-se observar, de forma gráfica os diversos componentes do rendimento líquido de exploração. As explorações de bovinos de carne apresentam, em média, um rendimento líquido de exploração de 720 EUR por vaca aleitante e por ano. É com este valor que os agricultores têm de remunerar os fatores próprios que colocam na exploração, sejam o capital próprio, seja a mão-de-obra familiar.

Observa-se igualmente que o nível de rentabilidade média das atividades no mercado, ou seja, a capacidade das atividades da exploração num quadro de apoios totalmente desligados da produção, subsistirem per si, através do rendimento que obtêm apenas no mercado é, em média, 32 EUR por de vaca aleitante, representando apenas 4,4% do total do rendimento líquido.

Resultados económicos por cabeça de vaca aleitante das explorações com orientação produtiva bovinos de carne (média 2016-2017-2018)



Estes valores demonstram que, em média, a atividade apresenta rendimentos líquidos da atividade muito baixos sem apoio de políticas, e que as políticas atuais desempenham um papel essencial no suporte ao rendimento empresarial destes agricultores.

3.4. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

De acordo com dados oficiais de 2017, existem 10 OP reconhecidas para o setor da carne de bovino no Continente: 3 na região Norte, 3 na região LVT e 4 no Alentejo.

Verificou-se uma diminuição do número de OP reconhecidas, que em 2015 contabilizavam 13, com consequente redução do grau de organização de 9% em 2015 para 6% em 2017.

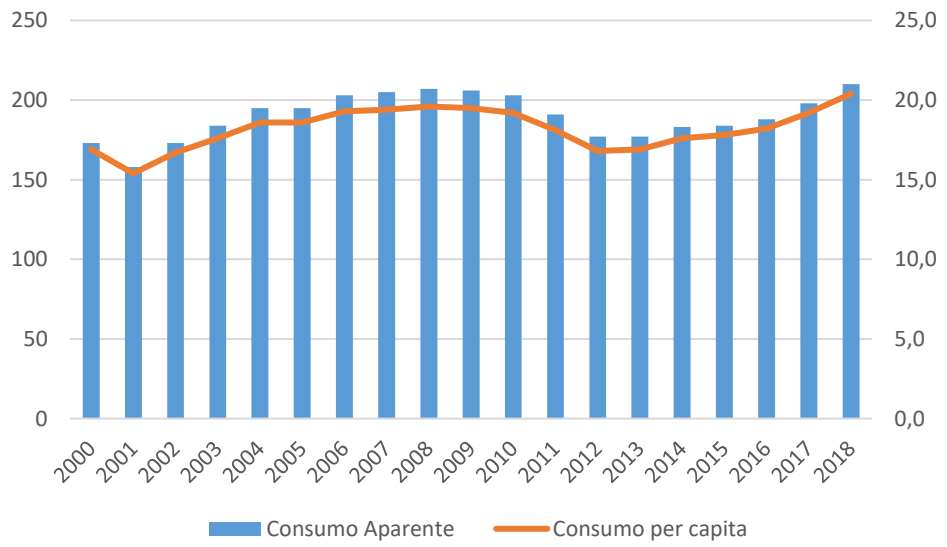
O Valor da Produção Comercializada (VPC), que em 2015 ser de 53.671 mil euros, atingiu em 2017 o montante 36.694 mil euros – repartido essencialmente entre as duas regiões LVT e Alentejo (representando cerca de 40% cada uma).

3.5. MERCADO

3.5.1. CONSUMO

No ano de 2018 foram consumidas 210.000 toneladas de carne de bovino que corresponde a um consumo *per capita* de 20,4 kg por pessoa por ano. Desde 2000 este será o valor mais elevado registado em Portugal.

Consumo Carne Bovino

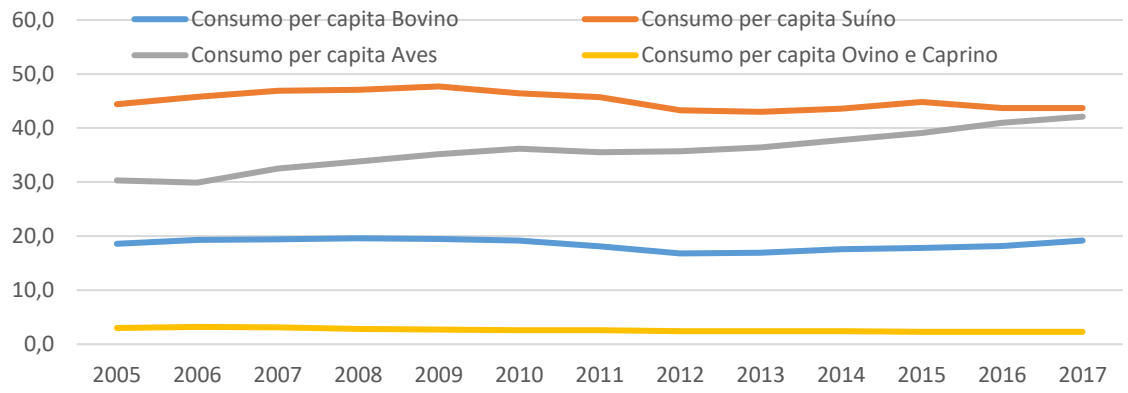


Fonte: GlobalAgrimar

Nos anos 2007 a 2009 o consumo de carne de bovino estava num nível elevado, tendo a partir dessa altura diminuído significativamente, tendo-se verificado em 2012 o início de uma recuperação estando a atingir em 2018 máximos de duas décadas.

Por sue lado, o consumo de porco está a perder quota face ao aumento do consumo de carne de aves. O consumo de ovinos, caprinos e bovinos tem-se mantido mais estável, apesar do aumento ligeiro já referido anteriormente para este último.

Consumo *per capita* kg/habitante/ano



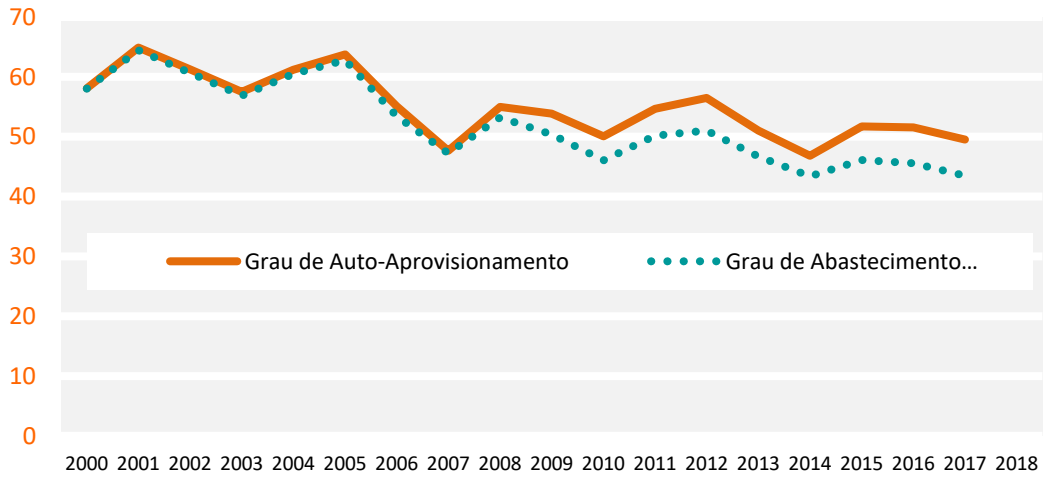
Fonte: GlobalAgrimar

Face à evolução do consumo e da produção, o Grau de Autoaprovisionamento para o setor bovino tem estado estável entre os 50 e os 60% na maior parte dos anos de 2000 a 2018, embora mais perto dos 60% na primeira década e mais próximo dos 50% na segunda. O aumento de consumo tem sido acompanhado pelo aumento da produção indígena bruta, isto é, a produção nacional acrescida do saldo do comércio dos animais vivos (exportações menos importações). Este saldo era negativo até 2004, em 2005 foi nulo e a partir de 2006 foi sempre positivo e tem vindo a aumentar todos os anos, ou seja, exportámos mais animais vivos do que importámos, pelo que a produção bruta tem aumentado.

No ano de 2018 o grau de autoaprovisionamento foi de 53,8%.

O grau de abastecimento do mercado interno, que se resume à produção nacional subtraindo as exportações e dividindo pelo consumo aparente, é na última década ligeiramente inferior ao grau de aprovisionamento, mas as duas linhas têm o mesmo comportamento ao longo dos anos. De 2000 a 2008 não existia praticamente diferença nestas duas linhas, porque Portugal exportava muito puco neste setor, situação que se alterou a partir de 2009.

Carne de Bovino - Grau de Autoaprovisionamento e Grau de Abastecimento do Mercado Interno (%)



Fonte: Global AgriMar

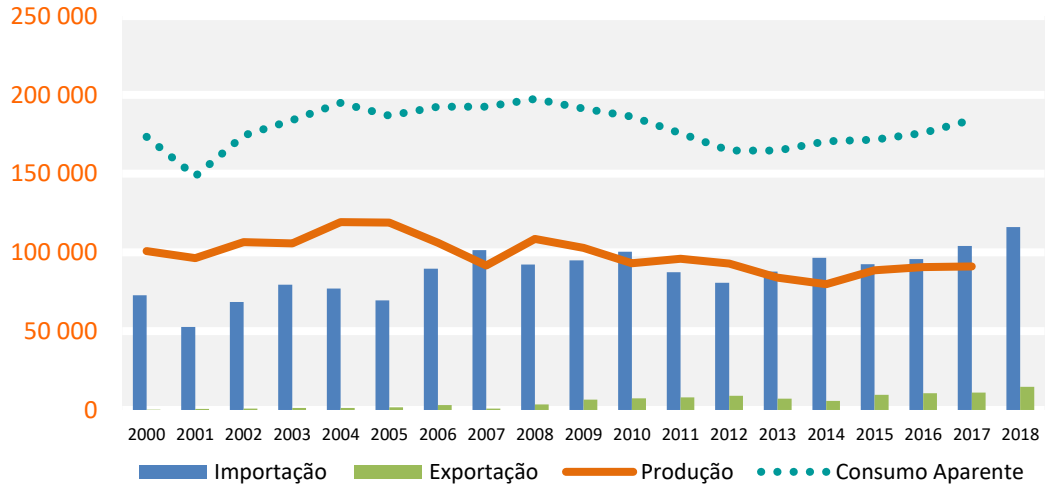
3.5.2. BALANÇA COMERCIAL E COMÉRCIO INTERNACIONAL

TENDÊNCIA DE AUMENTO DO GRAU DE ORIENTAÇÃO EXPORTADORA DE PORTUGAL DESDE 2017

A nível de comércio internacional, o setor bovino em Portugal sofreu algumas alterações nos últimos 20 anos. A vertente exportadora foi-se tornando mais robusta com o passar dos anos, mas a importação de carne do bovino também aumentou.

O gráfico seguinte contempla os dados de importação e exportação, bem como a produção nacional e consumo aparente.

Carne de Bovino - Produção, Importação, Exportação e Consumo Aparente (ton)

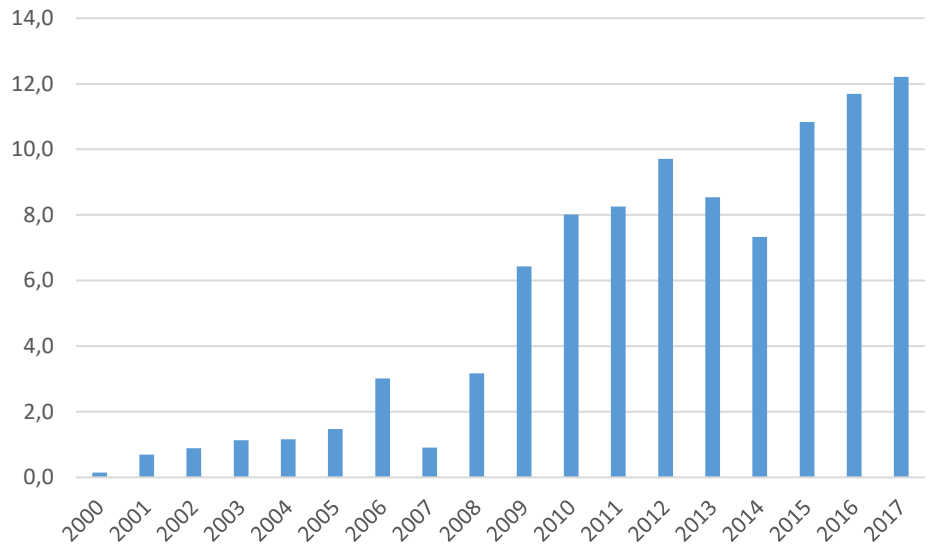


Fonte: Global AgriMar

De facto é notório o crescimento das exportações todos os anos, com exceção de 2007. Já o comportamento das importações é mais volátil. Também é visível no gráfico, que a produção até 2007 era superior às importações, comportamento este que deixou de ser certo nos anos seguintes, sendo que a tendência atual pós 2012, é as importações serem superiores à produção.

O grau de orientação exportadora de Portugal em 2017 situou-se nos 12%, longe dos 0,1% do ano 2000.

Orientação Exportadora



Fonte: GlobalAgrimar

A contribuir para a evolução das exportações portuguesas estão os animais vivos, quer em volume, quer em valor. Em 2018 a exportação de animais vivos representou 69% do volume total das exportações e 64% do valor – respetivamente 32.600 toneladas e 85M€.

Carne de Bovino - Destinos das Saídas - UE e Países Terceiros

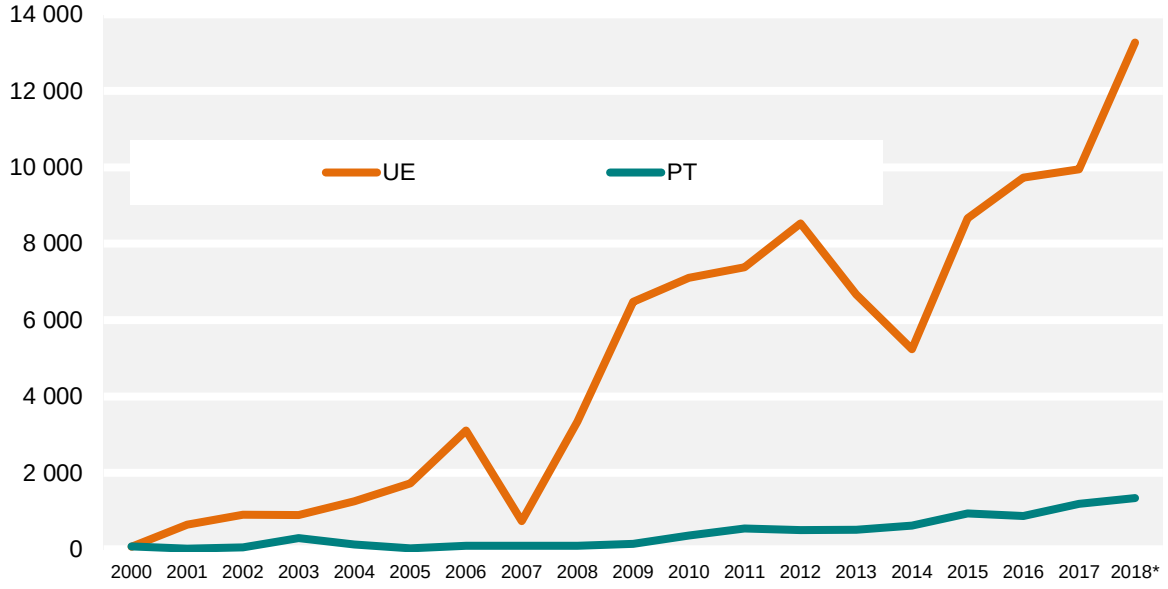
Produto	Unidade	Fluxo	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018*
Total da Carne de bovino	Quantidade (tonelada)	UE	72	648	904	901	1 255	1 726	3 108	739	3 348	6 477	7 106	7 384	8 530	6 666	5 233	8 660	9 731	9 945	13 266
		PT	73	20	48	297	130	27	93	94	92	146	364	542	501	511	618	941	873	1 188	1 340
		Total	145	668	952	1 198	1 385	1 753	3 201	832	3 440	6 623	7 470	7 926	9 031	7 177	5 851	9 601	10 603	11 133	14 606
	Valor (1000 EUR)	UE	2 920	3 027	3 294	3 967	5 153	4 332	6 636	2 097	8 505	14 219	16 710	18 116	24 274	20 099	14 794	25 365	27 434	27 355	40 260
		PT	226	62	159	489	261	90	290	500	568	657	1 519	2 653	2 719	2 760	2 964	4 480	5 241	6 453	8 326
		Total	3 146	3 089	3 453	4 456	5 414	4 423	6 926	2 597	9 073	14 876	18 229	20 769	26 993	22 859	17 757	29 845	32 675	33 808	48 586
Bovinos vivos [a)]	Quantidade (tonelada)	UE	1 495	1 505	956	2 364	1 729	5 957	7 150	8 722	10 925	11 411	9 794	10 626	13 668	11 923	11 958	15 322	10 676	9 853	8 727
		PT	0,0	2,8	10,9	0,0	8,0	9,4	0,0	4,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3 223	18 080	20 011	23 872
		Total	1 495	1 508	967	2 364	1 737	5 966	7 150	8 726	10 925	11 411	9 794	10 626	13 668	11 923	11 958	18 545	28 756	29 864	32 599
	Valor (1000 EUR)	UE	4 406	3 785	3 817	5 403	4 202	9 425	13 000	14 478	19 331	18 740	20 759	19 794	25 176	24 997	26 427	31 875	25 428	24 214	20 338
		PT	0,0	8,1	31,1	0,0	18,2	5,7	0,0	8,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9 582	52 048	55 504	64 734
		Total	4 406	3 793	3 848	5 403	4 220	9 431	13 000	14 486	19 331	18 740	20 759	19 794	25 176	24 997	26 427	41 457	77 477	79 718	85 072

Fonte: Global AgriMar

A evolução das exportações desde o ano 2000 é de facto significativa e suportada principalmente pelo comércio de animais vivos.

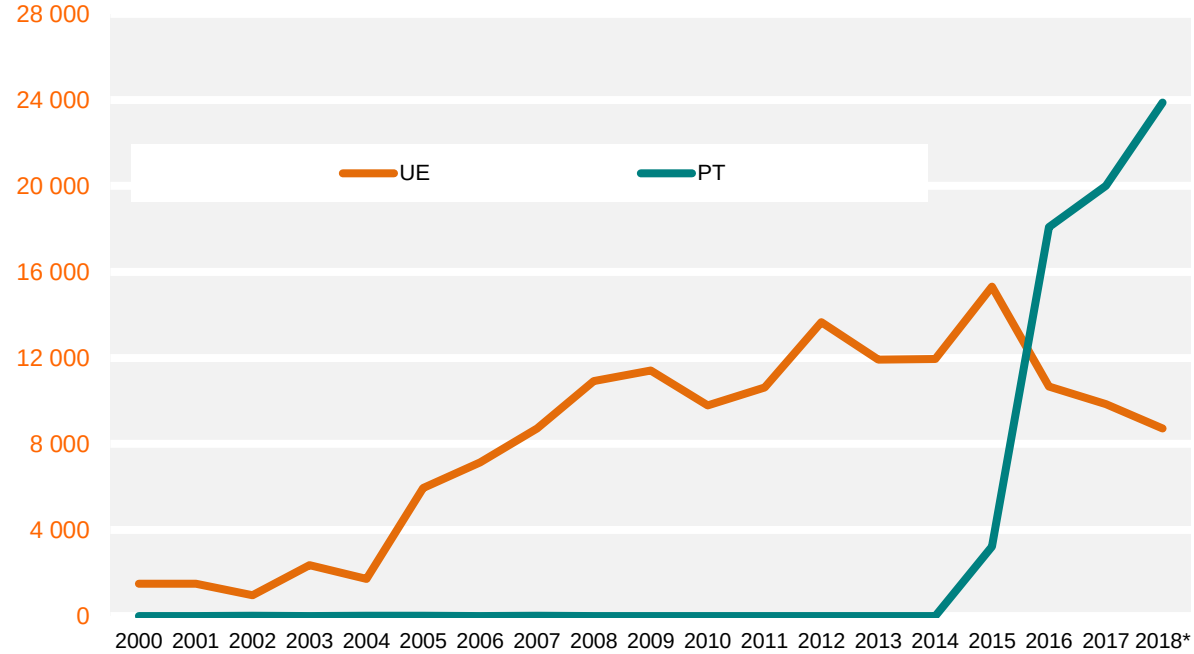
É ainda interessante verificar que, enquanto a carne é maioritariamente exportada para a UE e com uma tendência crescente desde o ano 2000 com a exceção para o ano 2007, para os animais vivos o principal destino era UE até 2014, ano a partir do qual os Países Terceiros ficaram com a maior quota de exportação de animais vivos portugueses.

Carne de Bovino - Destinos das Saídas - UE e PT (ton)



Fonte: Global AgriMar

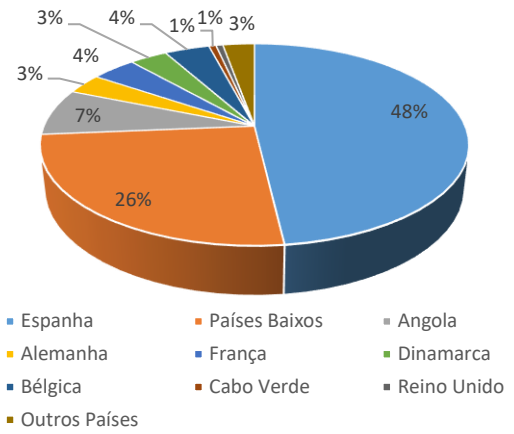
Bovinos vivos - Destinos das Saídas - UE e PT (ton)



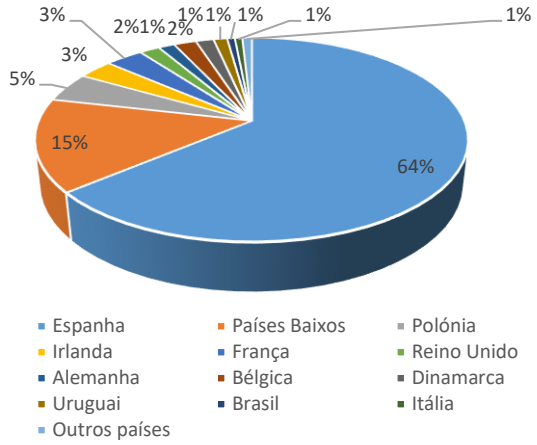
Fonte: Global AgriMar

Os principais destinos da carne portuguesa são a Espanha, Holanda, Angola, Alemanha e França.

Principais Destinos de Exportação 2018



Principais Países de Origem Importação 2018



Fonte: GlobalAgrimar

Já a carne importada provém maioritariamente de Espanha, Holanda, Polónia, Irlanda, França e Reino Unido.

3.6. DESEMPENHO AMBIENTAL

Segundo alguns estudos, as emissões médias de Gases com Efeito de Estufa (GEE) resultantes da produção dos ruminantes na União Europeia, é mais elevada na produção de carne de bovino e na carne de ovinos e caprinos, relativamente aos suínos e aves. As emissões mais elevadas de GEE associadas aos ruminantes face aos suínos e aves deve-se, sobretudo, ao maior contributo dos gases metano CH4 (metano) e N2O (Óxido Nitroso). Essas diferenças das emissões entre as distintas produções animais estão associadas a um processo de digestão mais eficiente e à ausência de fermentação entérica nos suínos e nas aves.

A indústria de produção de carne continua a crescer, consumindo elevadas quantidades de energia e água e gerando grandes quantidades de fluxos de resíduos orgânicos e emissões liquidas e gasosas para o ambiente.

O setor da carne de bovino tem sofrido pressões económicas e ambientais significativas para minimizar os impactes gerados. A relação entre o crescimento económico e a poluição ambiental tornou-se um objetivo europeu e deve encontrar-se um equilíbrio entre a eficiência ambiental e os níveis de produção que se repercutem no retorno financeiro para o agricultor.

O CH4 proveniente do processo de fermentação entérica representa cerca de 60% das emissões totais de GEE. Estudos efetuados, revelam que dietas de maior qualidade e com altas taxas de crescimento reduzem as emissões de metano dos ruminantes e de óxido nitroso do estrume, as quais são componentes maioritárias das emissões de GEE do ciclo de vida da produção de carne, sendo este um dos focos em que se pretende atuar com vista a adotar dietas que permitam uma redução significativa dos GEE.

Os bovinos emitem metano e produzem dejetos, o que resulta na libertação de mais metano, N2O e fosfatos, desde o dia em que nascem até ao dia em que são abatidos. As emissões por unidade de produto podem, portanto, ser diminuídas, quer pelo aumento da eficiência do próprio sistema de produção animal, ou por atuação direta nas emissões dos poluentes, como por exemplo através do aumento da qualidade alimentar

ou pelo uso de novas tecnologias, tais como inibidores de CH4 ou de N2O. Portanto, o aumento da eficiência da produção dos animais é uma rota importante para reduzir os impactes ambientais e também os custos de produção.

A produção de carne tem tido grandes avanços na melhoria da eficiência de produção nos últimos cinquenta anos, já que o conhecimento sobre genética, alimentação, saúde animal e bem-estar aumentou. Melhorar a genética, a saúde e a fertilidade contribuem para reduzir o número de animais por kg de produto final. Raças de bovinos com pesos corporais altos produzem menos emissões por unidade de produção do que as raças tradicionais mais pequenas.

A melhoria na produção e a intensificação da pastagem para diminuir o tempo de engorda necessária do animal para o abate irá diminuir as emissões destes animais e, consequentemente, os impactes no ambiente. Também o papel da indústria de ração tem evoluído no sentido de fornecer cada vez mais alimentos otimizado, com perdas reduzidas de nutrientes e aumento do desempenho ambiental dos sistemas de produção animal, através de sistemas de alimentação de precisão e adoção de novas tecnologias.

Em relação às emissões totais da fileira de carne bovina, os matadouros não apresentam valores significativos face às emissões do subsistema "produção animal". Porém, quando analisados individualmente, os impactes ambientais causados pelos matadouros são relevantes, principalmente para os processos de transporte, consumo de eletricidade e queima de combustíveis para obtenção de energia térmica.

Os resíduos cárnicos (subprodutos) gerados podem ser usados como matérias-primas ou subsidiárias de outras atividades. Os subprodutos podem ser utilizados para vários fins, por exemplo, para a alimentação animal, para a produção de calor e produção de eletricidade através de biogás. O objetivo principal da utilização dos subprodutos é reduzir o uso de recursos, a fim de evitar os custos do tratamento deste material e agregar valor ao resíduo.

4. INSTRUMENTOS DE APOIO

4.1. PRIMEIRO PILAR DA PAC

4.1.1. MEDIDAS DE MERCADO

O setor da carne de bovino está integrado na Organização Comum dos Mercados de Produtos Agrícolas (Regulamento OCM (UE) n.º 1308/2013, existindo várias ferramentas de mercado disponíveis que permitem garantir uma rede de segurança em caso de grave desequilíbrio de mercado.

Intervenção pública e armazenagem privada

- ✓ Intervenção pública

Uma dessas ferramentas de mercado é a intervenção pública para apoiar os preços da carne bovina se, durante um período representativo, o preço médio de mercado em um país da UE ou em uma região de um país da UE cair abaixo de 2,224 € por tonelada.

- ✓ Armazenagem privada

Outro instrumento do mercado é a ajuda à armazenagem privada se houver uma queda nos preços médios, uma mudança substancial nos custos de produção ou outro fator que cause mudanças significativas nas margens que sejam prejudiciais ao setor.

- ✓ Medidas excecionais

Podem ser mobilizadas medidas *ad hoc* excecionais em caso de perturbações graves do mercado ou quando circunstâncias específicas significam que é necessário apoio público, por exemplo, em casos de doenças animais ou perda de confiança do consumidor conforme previsto no Regulamento OCM (UE) n.º 1308 / 2013:

• Medidas contra perturbações do mercado (art. 219 OCM)

• Medidas relativas a doenças animais e perda de confiança dos consumidores (art. 220 OCM)

• Medidas para resolver problemas específicos (art.221 OCM)

• Medidas relativas a acordos e decisões durante períodos de grave desequilíbrio nos mercados (art.222 OCM)

4.1.2. AJUDAS DIRETAS

No atual quadro comunitário os pagamentos diretos são concedidos aos agricultores sob a forma de um apoio base ao rendimento com base no número de hectares, sendo o regime de pagamento base complementado por uma série de outros regimes de apoio visando objetivos específicos ou tipos de agricultores, tais como o pagamento para jovens agricultores, pagamento redistributivo, pagamento *greening* e regime da pequena agricultura.

Para além dos apoios anteriormente referidos, existe ainda o apoio associado voluntário concedido a determinados setores, que na medida necessária pretende criar um incentivo à manutenção dos níveis de produção anteriores a esta reforma da PAC e abrange apoios ligados designadamente às vacas em aleitamento (valor unitário indicativo de 120€ por vaca, envelope financeiro de 60 Milhões €),

O apoio ao setor das vacas em aleitamento teve como objetivo assegurar a manutenção de um efetivo reprodutor de vacas de orientação “carne” que permita manter um certo nível de produção específico, neutralizando o risco que o desligamento total dos anteriores prémios à vaca em aleitamento teria em termos de risco de abandono da produção.

Dados de 2018 evidenciam uma redução de 1368 beneficiários com apoios no setor das vacas aleitantes, quando comparado com o ano de 2015. Este número corresponde a uma queda de 8% no número de

beneficiários. A região Norte destaca-se, sendo a que mais contribui para esta redução, com uma quebra de 14%.

Já relativamente ao número de animais apoiados, o comportamento é exatamente o oposto, havendo um aumento de 4% de animais com ajudas. Quase todas as regiões do país contribuem para este aumento, com exceção do Alentejo que mantém o número de animais quando comparamos 2018 com 2015; e o Algarve que reduz significativamente o número de animais objeto de apoio (queda de 10%).

A diferença de tendência verificada no número de beneficiários e animais objeto de apoio, com redução do primeiro e aumento do segundo, revela a direção que o setor tem seguido nos últimos tempos, no sentido da reestruturação das explorações de gado bovino - redução do número de explorações e aumento de explorações com mais de 100 animais.

Dados de 2018 indicam que foram apoiados 14.957 beneficiários com um total de 487.524 animais e num valor total de 57,7 M€. Tendo em consideração os dados INE para o efetivo de vacas aleitantes em 2018 (Ponto 3.2.1 do presente relatório), verificamos que o apoio chega praticamente à totalidade dos animais do país.

Relativamente aos montantes do apoio, houve uma ligeira quebra de 2% entre 2015 e 2018, apesar do aumento de 4% do número de animais elegíveis.

O Alentejo continua a ser a região nacional com maior efetivo de bovinos aleitantes, com cerca de 70%, e consequentemente a receber a maior fatia dos apoios. Já o Norte destaca-se pelo número de beneficiários, representando 52%.

Em suma, podemos concluir que ao nível dos apoios, o quadro tem-se mantido bastante estável para o setor da carne de bovino.

5. ANÁLISE SWOT

5.1. Análise interna – Pontos fortes

- ✓ Raças autóctones perfeitamente adaptadas às nossas condições edafoclimáticas (rusticidade, maior resistência a doenças, adaptação, facilidade de parto, capacidade maternal) para serem utilizadas como “linha mãe” em cruzamento industrial.
- ✓ Segurança sanitária / alimentar
- ✓ Sistema tradicional em regime extensivo
- ✓ Qualidade e resiliência dos efetivos
- ✓ Trabalho desenvolvidos na promoção e adaptação de formas de apresentação da carne ao consumidor
- ✓ Baixa exigência em volume de mão-de-obra comparativamente a outras espécies pecuárias

- ✓ Papel dos ruminantes na reciclagem de nutrientes e no aumento do nível de matéria orgânica do solo, bem como capacidade de transformar celulose em alimentos de alto valor biológico e couros
- ✓ Grande quantidade de produtos reconhecidos como DOP/IGP/ETG
- ✓ Imagem positiva junto do consumidor (raças autóctones)
- ✓ Valorização do território, da paisagem e do Mundo Rural

5.2. Análise interna – Pontos fracos

- ✓ Baixa densidade populacional no interior do país com consequências na mão-de-obra
- ✓ Dependência da importação de matérias-primas para a alimentação do efetivo animal, (ex. fontes proteicas)
- ✓ Custo dos fatores de produção
- ✓ Fraca adesão a novas tecnologias
- ✓ Fraca capacidade económica das explorações agrárias
- ✓ Baixa atratividade para novas explorações
- ✓ Produtores pouco profissionais e com um nível baixo de conhecimentos técnicos.
- ✓ Fraco poder negocial junto das grandes superfícies (concorrência externa) e de outros operadores.
- ✓ Inexistência de uma abordagem de Fileira; fraco espírito associativo por parte dos produtores; inexistência de uma Organização Interprofissional.
- ✓ Dificuldade de venda dos bovinos da maioria das raças autóctones, como consequência do seu desempenho em engordas intensivas e das características das carcaças (conformação e rendimento na desmancha)
- ✓ Inexistência de uma rede de Matadouros de proximidade.
- ✓ Elevado número de pequenas explorações, dificultando a criação de economias de escala e a incorporação de tecnologia
- ✓ Preço elevado do produto final nas raças autóctones
- ✓ Circuitos comerciais pouco explorados e marketing praticamente inexistente (raças autóctones)
- ✓ Seleção genética com vista ao produto final deficitária (raças autóctones)

5.3. Análise externa – Oportunidades

- ✓ Balança comercial deficitária (estratégia comercial da indústria e políticas nacionais de promoção)
- ✓ Consolidação de procura de animais vivos e procura de novos mercados
- ✓ Melhorar a comunicação dentro da fileira e entre a produção e o consumidor
- ✓ Associação do regime extensivo à existência de pastagem como fixador de CO2
- ✓ Certificação das explorações e da carne de bovino em termos de pegada ambiental

- ✓ Otimização de alimentação animal (tendo em conta a especificidade de cada exploração e o do ambiente)
- ✓ Valorização de efluentes como matéria orgânica a incorporar nos solos
- ✓ Exportação de carne e animais vivos para países terceiros (Israel e países muçulmanos do Médio Oriente e do Norte de África)
- ✓ Reconhecimento da importância da preservação das raças autóctones como repositório genético de biodiversidade
- ✓ Valorização do produto nacional pelo consumidor designadamente para os produtos certificados
- ✓ Principal fixador de população nas regiões do interior e de montanha
- ✓ Papel importante na manutenção de habitats, paisagens e espécies selvagens - Montado, Lameiros, Baldios, Lobo; fornecedor de serviços ambientais, culturais e turísticos
- ✓ Mobilização do setor e de todos os intervenientes para dar resposta ao RNC 2050 e estratégia do *Green Deal*
- ✓ Alimentação Animal como parte da solução com estratégias de alimentação e nutrição de precisão

5.4. Análise externa – Ameaças

- ✓ Dependência de *commodities* externas (ex. soja, milho)
- ✓ Incertezas de mercado e de políticas (BREXIT, acordos comerciais, tarifas)
- ✓ Imagem da carne de bovino junto do consumidor (bem-estar animal, ambiente, saúde humana)
- ✓ Alterações climáticas adversas (secas)
- ✓ Restrições ao consumo de água
- ✓ Efetivo como fonte de libertação de metano
- ✓ Opinião pública desfavorável ao transporte de animais vivos para países terceiros e ao abate destes animais nestes países
- ✓ Parte do ciclo produtivo associada a sistemas de produção intensiva (“engordas”).
- ✓ Instabilidade política nos países importadores (Norte de África e Médio Oriente)
- ✓ Burocracia e legislação muito exigente para abertura de novas explorações/manutenção da atividade